

## As vidas que não vivemos

MAX CALLIGARIS\*

Somos feitos da vida que vivemos, do futuro que sonhamos e também das vidas que deixamos de viver. Um fantasma que acompanhou meu pai, hoje me acompanha, e tende a rondar tantos estrangeiros já estabelecidos. Depois de algumas décadas fora do país onde nasci, descobri o que meu pai já sabia: aos poucos, deixamos de pertencer inteiramente ao lugar que abandonamos sem jamais pertencer completamente ao lugar que escolhemos. Não é uma tragédia. Talvez seja apenas o preço de poder partir. Se tivesse ficado em Paris com minha mãe, provavelmente trabalharia no “banco ao lado de casa”, como ela sempre brincou. Se tivesse permanecido em Nova York com meu pai, talvez tivesse me tornado psicanalista. Duas vidas que não vivi, cada uma, à sua maneira, uma forma possível de desobediência filial.

Diz a etimologia que “homenagem” nasce no feudalismo: o vassalo ajoelhava-se diante do senhor, jurando-lhe fidelidade em troca de proteção, terras e amparo. Meu pai, porém, recusava esse trono. O que ele me transmi-

---

\* Diretor, criador e produtor francês. Formado em Ficção Narrativa e Documentário pela The New School (Nova York) e em Publicidade e Marketing pela NOEMA França. Atuou como diretor principal, dirigindo 13 episódios, e como produtor associado das quatro temporadas da série PSI (HBO) responsável por supervisionar todo o processo da obra, do desenvolvimento de roteiros e definição estética à montagem. A série recebeu três indicações consecutivas ao Emmy Internacional e venceu 12 Telly Awards. Representado por VMA FRANCE, dirigiu a segunda temporada completa de The Chosen One (O Escolhido) para a Netflix e colaborou com produtoras brasileiras e francesas como O2 Filmes, Mixer e Son et Lumiere. Além da carreira de realizador, atua no mundo editorial com a Editora Planeta e é responsável pela curadoria e publicação do legado intelectual do seu pai, Contardo Calligaris, cujo livro, *O Sentido da Vida*, lançado em 2024 foi vencedor do Prêmio Jabuti.

tiu não exigia obediência, nem me oferecia um chão ao qual permanecer fiel, apenas a autorização para deixá-lo.

Ele próprio nunca tomou nenhum porto como definitivo. Não por desinteresse pelos lugares que habitou, ao contrário, mas por uma fidelidade maior à liberdade do que a eles. Mesmo ao Brasil, que escolheu e amou.

Cada lugar onde não ficou era também uma vida que ele não viveu. E talvez seja isso que ele me ensinou: que diante do que não vivi eu tinha duas saídas, lamentá-lo ou usá-lo como motor para viver esta vida aqui. Ele havia escolhido a segunda. Era a consciência de que toda vida é uma entre muitas. Por isso, a minha também havia sido escolhida para ser vivida com apetite, não sofrida como destino.

As vidas que não vivi não competem com a que vivo. Dão valor a ela. Meu pai não me pediu que fizesse as pazes com o que não foi, nem que me torturasse por isso. A forma mais fiel que encontrei de homenageá-lo foi exercer a liberdade que passou a vida inteira tentando me ensinar.

*Junho de 2026*

**Max Calligaris**

[mxcalligaris@gmail.com](mailto:mxcalligaris@gmail.com)

São Paulo - SP - Brasil